

RESENHAS

A VIOLÊNCIA POLÍTICA ENTRE TUTSIS E HUTUS NO GENOCÍDIO RUANDÊS DE 1994: a análise de Mahmood Mamdani

Danilo Ferreira da Fonseca*

MAMDANI, Mahmood. *When victims become killers: colonialism, nativism, and the genocide in Rwanda*. Princeton, Princeton University Press, 2002..

A obra *When victims become killers: colonialism, nativism, and the genocide in Rwanda* (Quando vítimas se tornam assassinos: colonialismo, nativismo e o genocídio em Ruanda), escrita por Mahmood Mamdani e publicada em 2001 pela Princeton University Press, é considerada uma das principais reflexões acerca do processo histórico ruandês.

Mahmood Mamdani, professor e diretor do Instituto dos Estudos Africanos da Columbia University, é um grande estudioso das relações sociais africanas contemporâneas e suas relações com a colonização realizada pelas potências européias. Suas análises buscam entender historicamente os caminhos que levaram ao desenvolvimento dos diferentes países africanos, fugindo de análises superficiais, porque baseadas em evidências apreendidas pelo senso comum, sem embasamento teórico analítico de maior fôlego, conforme veremos a seguir na contraposição entre suas assertivas e as de outros autores.

Ao mergulhar na história ruandesa, Mamdani constrói uma análise inovadora, contrapondo-se a percepções simplistas como as que possuem jornalistas como Philip Gourevitch em *Gostaria de informá-los que amanhã seremos mortos com nossas famílias*, ou Jean Hatzfeld em *Uma temporada de facões*. O autor embasa suas reflexões em um enorme levantamento de fontes documentais, o que lhe permite recuperar os aspectos mais significativos do passado de Ruanda.

Já no início de sua obra, com uma elaboração teórica acerca da construção das identidades em Ruanda, Mamdani rompe com a tradicional concepção vulgares de que tutsis e hutus se constituem enquanto dois grupos étnicos provenientes das relações culturais ruandesas. Para o autor, tutsis e hutus seriam identidades com um caráter político e não cultural.

Esta distinção entre identidades políticas e não culturais adviria do fato de tutsis e hutus se constituírem durante o período colonial belga como duas raças distintas, e não como dois grupos étnicos. “A lei colonial em Ruanda reconhecia apenas a raça, e não a etnicidade, como identidades políticas” (p. 15).

A tendência de um reconhecimento de grupos étnicos dentro dos conflitos africanos é proveniente de uma reação à concepção de que o entendimento dos grupos sociais africanos enquanto raças (dominante principalmente durante a primeira metade do século XX) decorrem de uma inserção forçada da dominação colonial européia que instituía estas identidades raciais para manipulá-las e dominar a região, porém, para Mamdani, isto não quer dizer que este processo de dominação ocorreu unilateralmente ou por uma mera imposição das potências européias.

Desta forma, a ideia de etnia, e não de raça, surgiria de modo a valorizar as identidades tradicionais anteriores à colonização, fugindo das interferências estrangeiras. Ambas as concepções, tanto da raça enquanto manipulação, assim como da etnia como transcendência da dominação são, para Mamdani, falhas, já que tutsis e hutus são identidades históricas e não meramente identidades determinadas de modo institucional ou primordial, descolada da história. O que o autor faz em sua obra é justamente contextualizar o momento em que estas identidades de tutsis e hutus foram desenvolvidas, colocando ambas como particulares identidades políticas construídas historicamente.

Para entrar nesta análise, na busca do entendimento do genocídio ruandês, é fundamental expor a origem de tutsis e hutus, o que gera um debate que corre o risco de um academicismo se não for calcado nas evidências construídas pelos agentes da própria história ruandesa – como o poder colonial, a Igreja Católica e até intelectuais ruandeses nacionalistas. Apesar da multiplicidade do debate, dois pontos fundamentais podem ser observados como centrais: a conquista e a migração.

Para Mamdani, tutsis e hutus não são identidades fixas e apenas uma análise histórica minuciosa que busca as particularidades de cada momento histórico ruandês, como faz o presente autor, pode romper com esta comum concepção. Tal concepção contraria parte do debate historiográfico acerca do genocídio ruandês, que busca um ponto de origem na histórica daquele povo, no qual já estaria embutido um trágico destino genocida.

O processo de racialização de tutsis e hutus vai se desenvolver principalmente no período da colonização belga, em que o poder colonial passa a transmitir ideologicamente uma distinção entre tutsis e hutus a partir do mito hamítico. Este conceito de raça, utilizado não só em Ruanda, mas em grande parte da África Tropical, justificava o controle e a dominação da população européia branca sobre a população africana negra.

A análise de Mamdani acerca do genocídio abarca momentos históricos que são fundamentais para o entendimento deste, mas que são comumente marginalizados dentro de abordagens mais imediatistas que buscam entender o genocídio por si próprio. Já Mamdani entende cada momento, como a Revolução Hutu de 1959, a Primeira República (1962 – 1973) e a Segunda República (1973 – 1994), dentro de sua particularidade, apresentando dados e destacando pontos fundamentais para se entender o genocídio.

Tais aspectos permitem alterar o entendimento das categorias sociais tutsis e hutus que, de um critério racial se pauta agora por um critério étnico, analisado a partir de uma processualidade cujas evidências já se encontravam na Revolução Hutu de 1959 na qual se reforça uma “injustiça” de uma sociedade racalista (nos termos de Mamdani), “em nome da justiça”, ou seja, de uma suposta democracia racial, e que vai passar a ser entendido como identidades étnicas a partir da Segunda República Ruandesa.

Assim, a política que buscava diminuir as tensões entre tutsis e hutus acabou por ampliá-las, já que estava enraizada a concepção colonial de que os hutus eram os verdadeiros indígenas da região, enquanto que os tutsis seriam os não-indígenas, ou estrangeiros, que invadiram Ruanda e buscavam uma dominação apenas para si.

Esta dicotomia entre indígenas e “*aliens*” (nos termos de Mamdani) para hutus e tutsis é um ponto central para que o genocídio pudesse ocorrer em 1994, pois será reforçado constantemente um nacionalismo ruandês baseado na identidade hutu, expondo a importância dos conceitos de migração e conquista dentro da análise da história ruandesa.

Assim como muitos que buscam entender o genocídio de Ruanda, Mamdani se questiona acerca do futuro do país, se perguntando como uma população que participou ativamente de um genocídio pode reconstruir uma sociedade em que os assassinos e as vítimas estão lado a lado. Para o autor, o mais importante não é olhar apenas para o futuro, mas sim buscar uma reconciliação com o passado, com a história, pois, conforme ele, apenas assim, Ruanda poderá se voltar ao seu futuro.

Desta forma, a leitura de *When victims become killers* de Mahmood Mamdani é fundamental para aqueles que buscam entender os caminhos traçados num dos mais importantes acontecimentos do século XX, o genocídio de Ruanda.

Recebido em abril/2009.

Nota

* Mestrando do Programa de História da Pós-graduação da PUC-SP, com a dissertação intitulada *Ruanda: a produção de um genocídio* sob orientação da prof. Dra. Vera Lucia Vieira. E-mail: daniloffonseca@gmail.com